



**erva.**

Na desordem vegetal das salas vazias, nos átrios onde guarda-chuvas esquecidos desaguam, inscreve-se a melancolia do homem decepado.

Sua cabeça rola na margem do rio, olhos enterrados. Ninguém a identifica, aglomerado de pólen levado pelo vento, cabeça-amálgama, a língua encravada, inútil.

Coroas de erva subterrânea acolhem o lastimoso troféu.

Declina o pêndulo escuro nas salas desmultiplicadas, o ar irrespirável enfurece o sangue imóvel.

Um bicho transforma-se noutro bicho, em muitos bichos e ele é afinal essa ferida febril na penumbra das salas, estômago de ervas, delírio das sombras reprodutoras debaixo do soalho.

O azul dos olhos permanece frio, espectral, cinza ácida.

Insensível à luz dos anjos que chegam e partem,

asas corroídas pelo vácuo.

*Para onde irás tu que já não estás aqui?*

Traças luminosas despenteiam-no.

Detém o desdobrado fio das vozes exteriores na filigrana do vidro,

folhagem assassina,

indecifrável linguagem dos transeuntes

(entretém-se a desenhar monólogos).

Um riso tenso sobre o soalho enlouquece-o.

Agora, congemina o seu próprio fim,

esclarece o desânimo.

A noite nutre as ervas famintas.

Suas mãos estreitas desfazem-se no limiar das salas, antes de alcançarem

a ombreira da porta.

Tensa gravata do sonho incapaz, parado

dentro das paredes lisas.

Impossível transitar neste mausoléu

Impossível caminhar através da lama das grandes salas vazias.

Observa-se a ele próprio afagando a erva luminosamente escura  
num ridículo gesto de redenção.

Deita-se na cama de orvalho.

Suas lágrimas caducaram, pesado monstro  
sem qualidades.

Escuta a fome da erva para sempre inevitável.

11.2018